

# O HEROÍSMO DE MEDEIA NAS ARGONÁUTICAS DE APOLÔNIO DE RODES

## MEDEA'S HEROISM IN APOLLONIUS RHODIUS' ARGONAUTICA

RODRIGUES JUNIOR, F. (2018) O heroísmo de Medeia nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes. *Archai*, n.º 22, Jan.-Apr., p. 229-253  
DOI: [https://doi.org/10.14195/1984-249X\\_22\\_9](https://doi.org/10.14195/1984-249X_22_9)

**Resumo:** Este artigo pretende discutir os elementos díspares que se combinam para a caracterização de Medeia nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes como uma virgem ingênua e uma feiticeira assassina. A harmonização desses elementos possibilita reconhecer em Medeia a principal aliada dos argonautas a partir do livro 3. Num contexto de discussão sobre o conceito de heroísmo e a atribuição da liderança da nau Argo ao ἄριστος, caberá a Jasão, por conta de sua postura diplomática adequada a esse poema épico, distinguir as especificidades e os campos de atuação de cada herói de modo a alcançar o êxito coletivo da missão. Medeia, portanto, integrará a expedição por conta de

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

sua dupla caracterização: por ter sido seduzida por Jasão e, ao mesmo tempo, por ser a única capaz de possibilitar, através de seus φάρμακα, o cumprimento dos ἄεθλα designados por Eeta.

**Palavras-chave:** Medeia, Apolônio de Rodes, Argonáuticas, Épica Helenística

**Abstract:** This paper intends to discuss the different elements that are combined in order to represent Medea in Apollonius Rhodius' *Argonautica* as a naïve virgin and a murderer witch. The harmonization of these elements makes the reader recognize Medea as one of the main allies of the argonauts from the beginning of book 3 onwards. In a discussion of the concept of heroism and of the choice of leadership for the vessel Argo according to the idea of ἄριστος, Jason's diplomatic behaviour, adequate to this kind of epic poem, will enable him to distinguish the specificities of each hero in order to have success in his mission. Therefore Medea will integrate the expedition thanks to her double characterization: because she was seduced by Jason and, at the same time, because she was the only one capable of making the accomplishment of ἄεθλα possible by her φάρμακα.

**Keywords:** Medea, Apollonius Rhodius, *Argonautica*, Hellenistic Epic

Alguns comentadores das *Argonáuticas* consideram que a caracterização de Medeia no poema não possuiria verossimilhança, tendo em vista a incoerência nas ações da personagem, ora representada como uma garota ingênua e facilmente suscetível à sedução persuasiva de Jasão, ora como uma potencial fratricida<sup>1</sup>, conselheira estratégica e possuidora de poderes mágicos.<sup>2</sup> Baseando-se na discussão travada na *Poética* de Aristóteles concernente ao ἦθος (1454a 25-35), seria possível afirmar que Medeia é dotada de um caráter inconstante (τὸ ὁμαλόν), já que suas ações não se conectariam segundo os princípios de necessidade ou de probabilidade.

Embora seu comportamento díspar seja perceptível no decorrer das *Argonáuticas*, essa variação reiterada não indica necessariamente inverossimilhança, uma vez que as imagens de virgem ingênua e de feiticeira assassina seriam indissociáveis para a unidade de caráter da personagem.

A origem dos φάρμακα destinados a imunizar Jasão durante os ἄεθλα impostos por Eeta, extraídos da raiz de uma planta derivada do sangue de Prometeu, demonstram que a perícia mágica de Medeia está associada a poderes ctônicos (*Arg.* 3. 858-66).<sup>3</sup> Ao colher essa raiz, ela se banhou sete vezes e invocou sete vezes o nome de Hécate Βριμώ<sup>4</sup>, divindade associada à noite, ao solo e aos mortos (*Arg.* 3. 862). Em *Argonáuticas* 4. 50-53, Medeia é descrita como uma φαρμακίς habituada a buscar cadáveres e raízes maléficas para a realização de feitiços. Nos *Rhizotomoi* de Sófocles (fr. 534 Radt), ela recolhe ervas e raízes em ambiente noturno, enquanto profere gritos rituais. Os vínculos com os φάρμακα e sua submissão a Hécate são destacados em *Argonáuticas* 3. 477-78, quando Argos faz menção a Medeia pela primeira vez a Jasão. Seus poderes são reportados de modo hiperbólico em *Argonáuticas* 3. 529-33, como capazes de controlar o fogo, o curso dos rios e os caminhos dos astros e da lua. Embora a perícia mágica de Medeia seja mais utilizada no livro 4, quando, por meio dela, o dragão vigilante adormece (*Arg.* 4. 110-82) e o gigante Talos é derrotado (*Arg.* 4. 1651-88)<sup>5</sup>, trata-se de um elemento essencial à epopeia de Apolônio desde a primeira aparição da personagem no livro 3, apresentada pelo narrador como sacerdotisa do templo de Hécate (*Arg.* 3. 250-55).

archai ἀρχαί

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Fernando Rodrigues Junior, 'O heroísmo de Medeia nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes', p. 229-253

Há uma invocação à musa Érato no prólogo do livro III das *Argonáuticas*, dividindo o poema em duas partes e indicando a predominância de matéria erótica a partir de então (*Arg.* III 1-5):

Εἰ δ' ἄγε νῦν Ἐρατώ, παρ' ἔμ' ἴστασο καί μοι ἔνισπε  
 ἔνθεν ὅπως ἐς Ἴωλκὸν ἀνήγαγε κῶας Ἴησων  
 Μηδείης ὑπ' ἔρωτι· σὺ γὰρ καὶ Κύπριδος αἴσαν  
 ἔμμορες, ἀδμητάς δὲ τεοῖς μελεδήμασι θέλγεις  
 παρθενικάς· τῷ καὶ τοι ἐπήρατον οὔνομ' ἀνήπται.

Então agora, Érato, coloca-te ao meu lado e me conta como da Cólquida para Iolco Jasão trouxe o tosão, graças ao amor de Medeia. Pois tu também de Cípris o lote partilhas e com teus cuidados encantas as indômitas virgens. Por isso a ti o amável nome está ligado.

Medeia é mencionada nessa passagem tendo em vista o papel central que passará a desempenhar, sendo considerada por alguns comentadores a principal figura heroica da epopeia após o abandono de Hércules na Mísia<sup>6</sup>. Ela é inserida na categoria de virgem indômita (ἀδμητάς παρθενικάς, *Arg.* 3. 4-5) equiparável a Nausícaa, também descrita como παρθένος ἀδμής em *Odisseia* 6. 109 e 228. Ambas são filhas de um rei e, por meio da intervenção divina, se encantam com um estrangeiro recém-chegado. No encontro secreto com Medeia, Jasão é comparado ao astro Sírio, que se ergue no céu belo e brilhante, mas traz infinita miséria aos rebanhos (*Arg.* 3. 956-59). Ao se aproximar de Nausícaa pela primeira vez, Odisseu é equiparado a um leão faminto que, confiando em sua força, ataca os rebanhos em pleno redil (*Od.* 6. 130-34). Os dois

símiles se aproximam quanto à imagem de aniquilamento dos animais domésticos pelo recém-chegado, bastante pertinente ao futuro de Medeia após abandonar a Cólquida. Nos dois casos, a disposição favorável da garota é condição *sine qua non* para o êxito do herói e consequente retorno à Hélade. Nausícaa instrui Odisseu em como proceder de modo a obter o auxílio de Alcínoo e Arete, bem como Medeia fornece uma poção capaz de imunizar Jasão e possibilitar o cumprimento das tarefas no campo de Ares.

Os preparativos antecedendo o encontro com Jasão evocam o início do livro 6 da *Odisseia*, no qual Nausícaa, por orientação de Atena, deixa o palácio do pai acompanhada pelas servas para lavar roupa no rio. Nos dois poemas, as garotas tiveram sonhos relacionados a casamento na noite anterior (*Od.* 6. 25-40 e *Arg.* 3. 616-32), de maneira que o estrangeiro encontrado se torna um possível pretendente. Assim como Nausícaa, Medeia guia a carroça segurando o chicote e as rédeas (*Od.* 6. 78, 81-4 e *Arg.* 3. 869-72).<sup>7</sup> Durante o percurso, a princesa colca é comparada a Ártemis rodeada pelas ninfas, ereta sobre uma carruagem guiada por corças em direção a uma hecatombe (*Arg.* 3. 876-84):

οἴη δέ, λιαροῖσιν ἐν ὕδασι Παρθενίῳ  
ἦε καὶ Ἄμνισοῖο λοεσσαμένη ποταμοῖο,  
χρυσεῖοις Λητωῖς ἐφ' ἄρμασιν ἐστηῖα  
ὠκείαις κεμάδεσσι διεξελάησι κολώνας,  
τηλόθεν ἀντιόωσα πολυκνίσου ἐκατόμβης·  
τῇ δ' ἄμα νύμφαι ἔπονται ἀμορβάδες, αἰ μὲν ἀπ' αὐτῆς  
ἀγρόμεναι πηγῆς Ἄμνισίδες, αἰ δὲ λιποῦσαι  
ἄλσεα καὶ σκοπιὰς πολυπίδακας, ἀμφὶ δὲ θῆρες  
κνυζηθμῶ σαίνουσιν ὑποτρομέοντες ἰοῦσαν.

archai ἀρχαί

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Fernando Rodrigues Junior, 'O heroísmo de Medeia nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes', p. 229-253

Como, sobre as mornas águas do Partênio  
ou após ter se banhado no rio Amniso,  
a filha de Leto, ereta sobre os áureos carros,  
com rápidas corças conduzindo-a por colinas  
para ir diante de uma hecatombe de muita fumaça;  
as ninfas companheiras seguem com ela, umas reunidas  
desde a própria nascente do Amniso, outras tendo deixado  
os bosques e os cumes de muitas fontes. Feras ao seu redor,  
ao se aproximar, com bramidos balançavam a cauda,  
tremulantes.

Apolônio se vale de semelhante equiparação para fazer referência a Nausícaa como modelo poético, já que, ao brincar na margem do rio com as servas, ela também fora comparada a Ártemis caçando, acompanhada por suas ninfas (*Od.* 6. 102-9):

οἴη δ' Ἄρτεμις εἶσι κατ' οὔρεα ἰοχέαιρα,  
ἢ κατὰ Τηϋγετον περιμήκετον ἢ Ἐρύμανθον,  
τερπομένη κάπροισι καὶ ὠκείησ' ἐλάφοισι·  
τῇ δέ θ' ἅμα Νύμφαι, κοῦραι Διὸς αἰγιόχοιο,  
ἀγρονόμοι παίζουσι· γέγηθε δέ τε φρένα Λητώ·  
πασάων δ' ὑπὲρ ἣ γε κάρη ἔχει ἠδὲ μέτωπα,  
ῥεῖά τ' ἀριγνώτη πέλεται, καλαὶ δέ τε πᾶσαι·  
ὥς ἦ γ' ἀμφιπόλοισι μετέπρεπε παρθένος ἀδμῆς.

E tal como Ártemis, a archeira, se desloca pelas montanhas, pela cordilheira do Taígeto ou então pelo Erimanto, comprazendo-se com a caça ao javali ou às corças velozes, e com ela brincam as ninfas, filhas de Zeus detentor da égide,

habitantes do campo, e Leto se goziza no espírito; pois por cima das outras levanta Ártemis a cabeça e a testa, sendo facilmente reconhecível, embora todas sejam belas - assim entre as suas escravas se destacava Nausícaa.<sup>8</sup>

A comparação com a deusa desempenha funções distintas nas duas ocorrências, tendo em vista os diferentes momentos da narrativa: na *Odisseia*, durante o jogo com bola entre Nausícaa e as escravas; nas *Argonáuticas*, enquanto Medeia guiava a carruagem em direção ao templo de Hécate. Esse símile possibilita ao poeta da *Odisseia* destacar a superioridade de Nausícaa ante as servas que a acompanham, ao passo que nas *Argonáuticas* a equiparação é motivada pelo caráter quase semidivino atribuído a Medeia.<sup>9</sup> Feras bramiam e agitavam a cauda quando a carruagem conduzida por Ártemis se aproximava, da mesma forma que os habitantes de Ea desviavam o rosto, evitando contemplar os olhos da filha de Eeta. A reação pode ser interpretada como uma espécie de reverência ante a divindade que se aproxima, contudo, no caso de Medeia, há também o temor provocado pelos poderes mágicos presentes em seu olhar (cf. *Arg.* 4. 145 e 1669-72).<sup>10</sup>

O narrador da *Odisseia* justifica a menção à deusa no símile por conta da notável beleza e da virgindade da princesa feácia. Nas *Argonáuticas*, por sua vez, a comparação não é somente motivada por uma alusão ao modelo homérico, a fim de estabelecer um paralelo com Nausícaa, mas também pela recorrente associação entre Ártemis e Hécate, deusa relacionada à magia e em cujo templo a filha de Eeta exercia a função de sacerdotisa.<sup>11</sup> A conexão às duas deusas (e, consequentemente, a Nausícaa), portanto, justapõe os dois papéis distintos desempenhados por Medeia no desenrolar da ação: a virgem que anseia ser desposada e a feiticeira vinculada ao culto noturno a Hécate.

Durante o encontro, Jasão dirige a Medeia um discurso persuasivo, descrito pelo narrador como adulator (*ὑποσσαιίνων*).<sup>12</sup> O mesmo particípio é usado em *Argonáuticas* 4. 410 para, igualmente, sugerir uma intenção manipuladora do Esonida, subordinada à profecia de Fineu (*Arg.* 2. 423-24) e às palavras do adivinho Mopso (*Arg.* 3. 940-43) quanto à importância de Afrodite para o sucesso da missão. Como parte da estratégia de argumentação adotada, Jasão menciona o κλέος que Medeia obterá na Hélade, caso auxilie os argonautas. De modo a incentivar a princesa colca através de uma história paradigmática, ele relata o auxílio prestado por Ariadne a Teseu, em prejuízo de seu pai Minos (*Arg.* 3. 997-1004). A adequação do exemplo citado é perceptível pelos vários paralelos entre as narrativas: um herói se dirige a um território inospitaleiro regido por um descendente do Sol; o retorno só é possível mediante o confronto com inimigo(s) sobre-humano(s) e o êxito depende da assistência da filha do rei, insuflada pelo desejo ao estrangeiro; por fim, ela foge secretamente, a despeito da vontade do pai. Ao relatar essa história, Jasão sugere nutrir outras intenções além da concessão de poções imunizadoras. Essa hipótese é corroborada pela proposta de desposar Medeia como uma espécie de recompensa pelo auxílio prestado (*Arg.* 3. 1128-30).

A alusão ao envolvimento amoroso entre Teseu e Ariadne é adequada ao tipo de discurso desejado por Medeia, tendo em vista que o herói já havia sido instruído sobre a importância do apelo erótico para que a expedição alcançasse o objetivo. Todavia a narração da história paradigmática é incompleta, uma vez que o abandono de Ariadne em Dia é omitido. Mesmo quando Medeia se interessa em saber o desfecho do



relato (*Arg.* 3. 1074-76), Jasão silencia a esse respeito.<sup>13</sup> Evidentemente o poeta estabelece um paralelo entre as duas histórias com a finalidade de prenunciar o abandono de Medeia em eventos posteriores à matéria abordada no poema.<sup>14</sup> O conhecimento prévio da disposição de sua interlocutora, graças às profecias de Fineu e de Mopso, proporciona a Jasão o emprego de uma estratégia eficaz de convencimento baseada na sedução. Medeia facilmente se deixa persuadir, entregando-lhe os φάρμακα e, segundo o narrador, depositando nas mãos do estrangeiro sua própria alma, se ele assim desejasse (*Arg.* 3. 1015-16).<sup>15</sup>

A mais antiga menção conhecida ao auxílio de Medeia no cumprimento das tarefas impostas por Eeta é feita nas *Corintíacas* de Eumelo, epepeia datada do século VII a.C. cuja matéria estaria relacionada à história da cidade de Corinto.<sup>16</sup> Segundo o escoliasta das *Argonáuticas* (cf. Σ *Arg.* 3. 1354-56a), os versos de Apolônio que narram o surgimento das Nascidos da Terra armados no campo de Ares derivariam das *Corintíacas*, porém Eumelo teria utilizado uma descrição em discurso direto feita pela própria Medeia e endereçada ao adivinho Idmão, numa possível instrução ou conselho sobre como realizar os ἄεθλα (cf. *Arg.* 3. 1026-62).

As *Naupácticas*, um *epos* genealógico do século VI a.C. definido por Pausânias como um “poema sobre mulheres” (10. 38. 11), também relatariam o auxílio de Medeia para o cumprimento dos ἄεθλα.<sup>17</sup> Em *Argonáuticas* 3. 523-24, após Jasão reproduzir aos companheiros as exigências do rei para a aquisição do velocino, Argos sugere o emprego dos φάρμακα de Medeia como possibilidade viável de executá-las

com segurança. Referente a essa passagem, o escoliasta das *Argonáuticas* comenta que nas *Naupácticas* Idmão se ergueria e exortaria o Esonida a suportar o que lhe fora imposto.<sup>18</sup> É possível compreender essa parênese como resposta contrária à intervenção de Medeia, tendo em vista a hesitação de Jasão motivada pela dificuldade no cumprimento de tarefas sobre-humanas. Nas *Argonáuticas*, após ouvir as condições de Eeta, ele se cala e fixa os olhos no chão, imóvel em total estado de ἀμηχανία (*Arg.* 3. 422-25). A mesma ἀμηχανία demonstrada pelo líder atinge a tripulação, quando informada sobre o desafio proposto (*Arg.* 3. 502-4).

Pelos escassos fragmentos preservados das *Corintíacas* e das *Naupácticas*, não ficam claras as razões que levaram Medeia a ajudar os argonautas em prejuízo do próprio pai, no entanto Hesíodo (*Teogonia* 992-1002) já mencionara a união amorosa entre os dois e o nascimento de um filho chamado Medeio. Ainda que sejam aludidas as gementes tarefas (στονόεντας ἀέθλους) cumpridas pelo Esonida, em nenhum momento é feita qualquer referência ao auxílio prestado pela princesa colca, apesar da temática erótica relacionada à expedição já ser atestada nesse breve relato. As *Naupácticas* corroboram essa hipótese, pois, segundo o escoliasta das *Argonáuticas* 4. 86, Afrodite interferiria na ação ao insuflar em Eeta o desejo de se unir à esposa e possibilitar a fuga dos heróis, acompanhados por Medeia.<sup>19</sup> O erotismo tão explorado na epopeia de Apolônio já estaria presente nas *Naupácticas*, apesar de não ficarem claros os motivos que suscitaram a colaboração da deusa.

Embora seja parte integrante da narrativa desde os textos mais antigos conhecidos a mencionarem os argonautas, a sedução de Medeia no *epos* de Apolônio é inserida no contexto de definição de heroísmo adequado à expedição. No livro 1. 336-40, ao exortar a escolha do líder, Jasão aconselha os companheiros a egerem o melhor (ἄριστος) para essa função, capaz de se ocupar de cada detalhe da missão, realizar disputas e travar pactos com os estrangeiros:

ἀλλὰ φίλοι, ξυνὸς γὰρ ἐς Ἑλλάδα νόστος ὀπίσσω,  
ξυναὶ δ' ἄμμι πέλονται ἐς Αἰήταο κέλευθοι,  
τούνεκα νῦν τὸν ἄριστον ἀφειδήσαντες ἔλεσθε  
ὄρχαμον ἡμείων, ᾧ κεν τὰ ἕκαστα μέλοιτο,  
νείκεα συνθεσίας τε μετὰ ξείνοισι βαλέσθαι.

Caros, é comum o retorno posterior à Hélade e são comuns a nós as rotas até Eeta, logo, sem hesitação, escolhei agora o melhor para ser nosso chefe, o qual se ocupará de cada detalhe, como realizar disputas e alianças com os estrangeiros.

A tripulação é unânime em selecionar Hércules, que recusa a escolha e delega a liderança ao Esonida. A cena indica que os companheiros não o considerariam ἄριστος e, portanto, o julgariam inadequado à posição de ὄρχαμος.<sup>20</sup>

Em seu primeiro solilóquio, quando pondera sobre a possibilidade de trair o pai em benefício dos estrangeiros, Medeia se questiona quanto à superioridade de Jasão (προφερέστατος) em relação aos demais heróis (Arg. 3. 464-66). Por meio dessa indagação, a personagem faz

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Fernando Rodrigues Junior, 'O heroísmo de Medeia nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes', p. 229-253

referência a um tema central às *Argonáuticas*: a adequação de Jasão ao conceito de ἄριστος entre os companheiros, de modo a ocupar a liderança e conseguir cumprir o objetivo da viagem.<sup>21</sup> Ao imprecar a Hécate e fazer votos pelo retorno de Jasão a seu lar (*Arg.* 3. 466-68), Medeia reconhece que a alternativa viável de vitória só pode ser alcançada mediante o uso dos φάρμακα oriundos da instrução e do poder conferidos pela deusa. Por ser capaz de concedê-los, a princesa colca se torna a única possibilidade de salvação dos argonautas, que passam a depender dela a partir de então.

O sonho de Medeia antecedendo a decisão de fornecer os φάρμακα já indica a importância que lhe foi conferida para a aquisição do velocino de ouro, uma vez que ela própria surge enfrentando os bois com cascos de bronze e executando os ἄεθλα designados ao estrangeiro (*Arg.* 3. 619-32). Através desse relato onírico, Medeia se torna a verdadeira agente das façanhas exigidas por ser a única hábil a executá-las, usurpando a condição de herói devida a Jasão e se tornando a προφερέστατος entre os argonautas.

Duas observações, no entanto, devem ser feitas para uma leitura mais acurada desse sonho. Em primeiro lugar, Medeia pressupõe que a expedição dos argonautas tinha como objetivo unicamente levá-la à Hélade como esposa legítima de Jasão. É possível que houvesse versões do mito nas quais o Esonida fosse seu pretendente e essa intenção tivesse motivado a viagem à Cólquida<sup>22</sup>, porém não há vestígio algum dessa interpretação no poema de Apolônio. Jasão, ao contrário, instruído por Fineu e por Mopso, sabe de antemão que a única forma de conseguir o apoio da garota é manipular seu desejo e, conseqüentemente,

age dessa maneira para mantê-la como aliada. Em segundo lugar, a inserção de Medeia enquanto agente no cumprimento dos ἄεθλα só ocorre em contexto onírico, visto que ela jamais cogita substituir o herói, mas somente lhe entregar poções capazes de torná-lo apto a realizá-los. De certa forma, ela desempenha um papel equivalente ao de Hermes ao conceder a Odisseu o μόλυ, uma erva de raiz negra que o torna imune aos feitiços de Circe (*Od.* 10. 302-6), reafirmando seu *status* quase divino ante os argonautas, necessitados de um auxílio sobre-humano.

A decisão de Medeia em colaborar não é imediata, mas deriva de um longo processo de reflexão no qual ela teme que suas atitudes sejam descobertas e a punição paterna lhe seja pesada, bem como a renome advindo da escolha tomada. As opções de prestar auxílio a Jasão ou ignorá-lo são insufladas por um conflito entre ἴμερος e αἰδώς (*Arg.* 3. 648-55)<sup>23</sup>, numa sucessão de certezas seguidas de hesitações, indicando a confusão mental em que se encontra (*Arg.* 3. 766-69). Em *Argonáuticas* 3. 785, Medeia descarta o pudor e opta por conceder as drogas, mas logo reconhece que a decisão tomada será de conhecimento público e sua reputação, vilipendiada pelos colcos no futuro (*Arg.* 3. 791-97). Ela será censurada por ter cedido ao desejo (μαργουσύνη)<sup>24</sup> e ter envergonhado os genitores.

A preocupação de Medeia com a reputação é largamente abordada na tragédia de Eurípidés. A fama obtida por conta da colaboração com os argonautas é mencionada por Jasão durante o primeiro confronto verbal com a esposa abandonada (*Med.* 534-41). Reiteradas vezes na peça é dito que a τιμή de Medeia havia sido atingida (*Med.* 20, 33,

438, 660, 696 e 1354), revelando constante interesse pela manutenção do κλέος (*Med.* δύσκειαν, 218; εὐκλεεῖς, 236; εὐκλεέστατος 810). Sua incursão em ambiente masculino repleto de valores heroicos também pode ser notada no emprego de imagens adequadas a contextos bélicos, como o desejo de lutar com escudo ao invés de dar à luz (*Med.* 250-51) ou a intenção de matar os rivais com armas (*Med.* 379), possibilidade logo descartada dada a vergonha decorrente de provável fracasso.<sup>25</sup> Ela julga estar diante de um duelo de coragem (ἀγῶν εὐψυχίας, *Med.* 403)<sup>26</sup> e se reporta ao marido, à noiva e a Creonte como ἐχθροί (*Med.* 376, 383, 734, 750, 765, 1050).

Ao se apropriar de valores masculinos, Medeia, na peça de Eurípidēs, acaba se coadunando a uma moldura heroica. A preocupação com a τιμή e a vergonha pública ao ser desonrada com o abandono do marido são frequentemente evocadas (*Med.* 20, 33, 438, 660, 696, 1354).<sup>27</sup> A indignação e o desejo por vingança, tentando evitar o riso alheio, decorrem do fato de Medeia se considerar equivalente a Jasão e possuir o mesmo *status* ou pertencer ao mesmo grupo do qual seu cônjuge faz parte na sociedade grega. Por conta disso, ela afirma às mulheres do coro que a mais gloriosa forma de vida consiste em ser grave aos inimigos e benévola aos amigos (*Med.* 808-10), adotando a ética da retaliação aos antagonistas que atingem sua honra.<sup>28</sup>

Jasão atribui a Afrodite o papel de única salvadora de minha navegação (*Med.* 527-28), enquanto Medeia, por sua vez, se considera a responsável pela aquisição do velocino na Cólquida (*Med.* 476-87). Por depender de seu auxílio, Jasão é acusado de ἀνανδρία (*Med.* 466), já que lhe faltariam audácia (θράσος) e bravura

(εὐτολμία). O escoliasta de *Medeia* 465 considera que a acusação a ele dirigida se basearia na subordinação à esposa, pois sem os φάρμακα cedidos as provas não teriam sido cumpridas.<sup>29</sup>

A suposta ἀνανδρία alegada na peça de Eurípides poderia também ser notada na narração de alguns episódios pertencentes às *Argonáuticas*, como, por exemplo, o rapto do velocino de ouro vigiado por uma serpente guardiã no bosque sagrado. Enquanto Jasão fica imóvel e completamente aterrorizado (πεφοβημένος, *Arg.* 4. 149) ao se deparar com a fera, Medeia a adormece através de um encantamento, aspergindo os φάρμακα sobre seus olhos e proferindo fórmulas mágicas. O herói simplesmente segue suas ordens (κούρης κεκλομένης, *Arg.* 4. 163), retirando o velo do carvalho e retornando ao navio (*Arg.* 4. 110-82). Medeia assume o protagonismo do episódio ao coordenar toda a ação, ao passo que Jasão permanece estupefato, à espera de recomendações para agir no momento propício em que não haja nenhum perigo a enfrentar.<sup>30</sup>

A ἀνανδρία seria um impedimento à escolha de Jasão como líder da expedição, no entanto, nas *Argonáuticas*, ele jamais é denominado ἄνδρος. Sua subordinação a Medeia no bosque sagrado não implica falta de virilidade, mas estratégia adequada diante das condições de possibilidade de êxito aos participantes da empreitada. O embate contra a serpente é tarefa sobre-humana na mesma proporção que o cumprimento dos ἄεθλα e, portanto, demanda auxílio para sua realização. Os φάρμακα são o único recurso disponível para adormecer o animal e roubar o velocino. Da mesma forma que Medeia imunizou Jasão e lhe instruiu sobre como proceder no campo de Ares,

archai ἀρχαί

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Fernando Rodrigues Junior, 'O heroísmo de Medeia nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes', p. 229-253

ela também coordenou a ação no bosque sagrado e subordinou os argonautas a seu comando. O controle de Medeia sobre os heróis é inevitável diante de perigos contra os quais o emprego da força seria ineficaz, desde o abandono de Hércules no livro 1.<sup>31</sup>

A liderança da expedição não está conectada necessariamente à ideia de força. Se assim fosse, Hércules teria assumido o posto. Como Jasão sugere ao exortar os companheiros na indicação do líder, o escolhido deve se preocupar com cada detalhe (τὰ ἕκαστα, *Arg.* 1. 339), com a salvação de cada membro da tripulação (*Arg.* 1. 339 e 461) e com a realização de disputas e alianças com os estrangeiros (νείκεα συνθεσίας τε, *Arg.* 1. 340). Após a passagem pelas Simplégades, o Esonida demonstra preocupação com a viagem apesar de terem conseguido atravessar pelo estreito, pois não se preocupa somente com a sua própria vida, mas com a de todos os companheiros (*Arg.* 2. 622-37). As disputas entre exércitos oponentes são raras nas *Argonáuticas*, tomadas sempre como última alternativa viável e só executadas quando todas as possibilidades de negociação não funcionam (*Arg.* 3. 177-90).<sup>32</sup> Portanto cabe ao líder uma postura eminentemente diplomática. O acordo travado com Medeia é chamado de συνθεσία (*Arg.* 3. 821), bem como o casamento realizado na ilha dos feácios (*Arg.* 4. 390 e 1042).<sup>33</sup> A relação entre os dois, portanto, é estabelecida em termos de uma aliança na qual ambas as partes envolvidas possuem interesse, ou seja, um acordo entre iguais. A capacidade de realizar tais pactos fundamentais para o sucesso da missão proporciona a Jasão assumir a posição de ὄρχαμος. No curso da ação, diferentes perigos são enfrentados, cabendo ao líder reconhecer quais oponentes os combateriam de maneira mais eficaz. A força excessiva de Hércules o capacita a enfrentar os



Gigantes em Cízico, a perícia de Polideuces o torna o pugilista ideal contra Ámico e a agilidade dos Boréadas permite que persigam as Harpias até as ilhas Plotas. A atuação de Medeia em contextos nos quais o uso da magia seria imprescindível não usurpa o heroísmo de Jasão, mas, ao contrário, colabora para o êxito coletivo e corrobora a ideia de que ele é o ἄριστος Ἀργοναυτῶν e, portanto, a personagem mais adequada a ocupar a liderança da nau Argo.

## NOTAS

1 Nas *Argonáuticas*, Apsirto é o protetor de Medeia (ἄοσητήρ, *Arg.* 4. 407) e comandante da frota colca que persegue os argonautas (*Arg.* 4. 305-37). Ele é assassinado por Jasão após ter sido enganado com uma falsa proposta de trégua planejada e executada com o auxílio da própria irmã. Sófocles fez menção à sua morte nas *Colcas* (fr. 343 Radt), no entanto ele ainda seria uma criança e teria sido degolado no palácio de Eeta. Não é possível conhecer o autor do infanticídio, dada a condição fragmentária da peça. A mesma versão seria reproduzida em Eurípidés (*Med.* 1334), no entanto, nessa tragédia, Medeia foi a perpetradora do crime e, portanto, se tornou portadora de um ἀλάστωρ (cf. também Calímaco fr. 8Pf). Ferecides (*FGrH* 3F32 Jacoby), por sua vez, relata que os argonautas embarcaram com Apsirto e, ao serem perseguidos pelos navios colcos, desmembraram a criança e jogaram as partes de seu corpo no mar com o intuito de retardar os inimigos (cf. Σ *Arg.* 4. 223-30a). Sobre as diferentes versões do assassinato de Apsirto, ora ὑπὸ Μηδείας, ora ὑπὸ τῶν Ἀργοναυτῶν, cf. Eurípidés Σ *Medeia* 167.

2 Cf. Dyck (1989, p. 455-70). Para uma discussão mais abrangente dessa inconsistência de Medeia, cf. Hunter (1987, p. 129-39).

3 Sobre a origem prometeica dos φάρμακα dados a Jasão, cf. *As colcas* de Sófocles (fr. 340 Radt).

4 Esse epíteto está conectado ao barulho provocado pela aparição da deusa (*Arg.* 3. 1038-40 e 1277). Cf. também *Arg.* 3.

archai ἀρχαί

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Fernando Rodrigues Junior, 'O heroísmo de Medeia nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodas', p. 229-253

1211. Este mesmo epíteto é também aplicado a Perséfone, Sele-  
ne e Hécate nos papiros mágicos (cf. Hunter 1989, p. 190-91).

5 Embora enfrente o dragão vigilante por meio de seus fei-  
tiços, Medeia e suas servas se assustam com o surgimento de  
uma serpente na Líbia (*Arg.* 4. 1521-24). Sua reação parece  
ser contraditória, no entanto reforça a ideia de justaposição de  
comportamentos díspares apresentados por ela. Quanto a uma  
reação diferente a uma situação similar, cf. Nausícaa em *Odis-  
seia* 6. 138-9.

6 Cf. Beye (1982, p. 120-32), Pavlock (1990, p. 19-68) e De  
Forest (1994, p. 107-124).

7 De acordo com Hunter, a passagem evoca uma cerimônia  
de casamento: *the cosmetic preparations, the reference to bathing,  
a chariot-ride and attendant virgins all find some counterpart in  
the ritual of Greek wedding. These hints are distributed between  
the simile and the main narrative, and are suggested rather than  
made explicit. Medea is going to meet a man whom she has al-  
ready dreamed to be her husband; Nausicaa's mind too was on  
marriage when she set out.* (Hunter 1989, p. 192). Cf. também  
Campbell (1983, p. 58).

8 Cito a tradução de tradução de Frederico Lourenço (2010)

9 Outra semelhança entre Medeia e Ártemis é o fato de  
ambas se dirigirem a um local sagrado. A princesa colca vai  
até o templo de Hécate, no qual exerce a função de sacerdo-  
tisa, enquanto a deusa é guiada por suas corças para assistir  
a uma hecatombe.

10 Em *Argonáuticas* 4. 727-9, é dito que os descendentes de  
Hélio são reconhecíveis pelo brilho dos olhos.

11 Essa associação entre as duas deusas já é mencionada por  
Ésquilo em *Suplicantes* 676.

12 No momento em que Jasão aparece, Medeia revela, através  
de reações físicas, os sentimentos suscitados por Eros e nutridos  
pelo estrangeiro (*Arg.* 3. 962-65). O coração lhe salta do peito, os  
olhos obscurecem e o rosto fica rubro. Os mesmos sintomas já ha-  
viam sido descritos em *Arg.* 3. 724-26. Quanto à associação dessas  
reações e o sentimento de temor, cf. Campbell (1983, p. 67).

13 Embora Jasão nada fale sobre o desfecho dessa história, o narrador faz referência ao abandono de Ariadne em Dia em *Argonáuticas* 4. 424-34. Cf. Jackson (1999, p. 152-57).

14 A união de Medeia e Aquiles nos Campos Elísios (*Arg.* 4. 811-15) também indicaria um desfecho trágico ao relacionamento com Jasão.

15 Cf. as semelhanças entre as despedidas de Medeia (*Arg.* 3. 1069-71) e de Nausícaa (*Od.* 8. 461-62).

16 As *Corintíacas* narrariam, com alguma extensão, a viagem dos argonautas em conexão com a história da cidade de Corinto. Não sabemos qual seria o espaço dado ao evento e de que maneira precisa ele estaria ligado ao tema principal da epopeia, todavia um número significativo de fragmentos relacionados a Jasão e à expedição à Cólquida sugere certo destaque. Possivelmente o vínculo entre a história de Corinto e a família dos eólidas seria estabelecido por meio de Eeta. Segundo Eumelo, o filho de Hélio seria soberano de Éfira (o antigo nome de Corinto, cf. fr. 1-2 e 4 K), contudo migrou para a Cólquida (fr. 2K) tornando-se monarca local. Daí decorreria a conexão com Jasão, Medeia e o reino de Corinto, pois quando o trono da cidade se tornou vago, a princesa colca foi chamada de Iolco para assumir o poder real.

17 Talvez as *Naupácticas* fossem um poema hexamétrico muito próximo ao *Catálogo das Mulheres*. Grande parte dos fragmentos é extraída dos escólios das *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes e abarca diferentes etapas da expedição. O poema deveria conter uma narrativa completa da história, abordando eventos desde a viagem de ida à Cólquida (fr. 3K), até o retorno a Iolco e os desdobramentos da missão em solo grego (fr. 10K). Cf. Huxley (1969) e Matthews (1977: 189-207).

18 ἔν δὲ τοῖς Ναυπακτικοῖς Ἰδμῶν ἀναστάς Ἰάσονι κελεύει ὑποστῆναι τὸν ἄθλον. (cf. fr. 6K).

19 A referência literária mais antiga conhecida conectando Afrodite à expedição dos argonautas seria a coleção de fragmentos das *Naupácticas*. Desde *Odisseia* 12. 69-72, a divindade comumente associada aos argonautas, preocupada com a segurança e o sucesso da missão, seria Hera. Cf. Píndaro *Pítica* 4. 184-85, Ferecides *FGrH*

3F15 Jacoby e Apolodoro 1. 9. 16. Sobre a intervenção de Afrodite para o retorno dos argonautas a Iolco, cf. Eurípides *Medeia* 526-28.

20 Em *Argonáuticas* 1. 1285, o termo ἄριστος é utilizado para designar Hércules. Certamente a condição de “melhor” nessa ocorrência está relacionada ao emprego da força excessiva e, portanto, alheia à discussão sobre quem mais adequadamente exerceria a liderança da nau Argo.

21 Cf. Vian (1978, p. 1025-41), Hunter (1988, p. 436-53), Jackson (1992, p. 155-62), Pike (1993, p. 27-37), Clauss (1993, p. 176-211) e De Forest (1994, p. 47-69).

22 De acordo com Hunter, *these verses help to establish a 'quasi-identification' between Medea and the fleece which is to have an important role later in the poem, culminating in IV 1141-69 where the couple spend their wedding night on the fleece.* (Hunter 1989, p. 165).

23 Cf. também *Argonáuticas* 3. 741-43.

24 O adjetivo μάργος é usado em referência a Eros em *Argonáuticas* 3. 120.

25 Buscando encorajar-se para ser capaz de matar os próprios filhos, Medeia empunha a espada e *corre para a meta triste da vida* (*Med.* 1245). O termo βαλβίδα, empregado na passagem, designa as balizas presentes nos estádios nas quais uma corda era presa para servir de ponto de partida e de chegada aos corredores do δίαυλος (Page 1988: 166). A imagem criada equipara a mãe, prestes a cometer infanticídio, a um corredor prestes a iniciar uma disputa esportiva. O vocabulário reiteradamente utilizado durante a peça associa Medeia a um combatente ou atleta em vias de realizar feitos a serem gloriados pelos pósteros.

26 Há duas ocorrências da expressão ἀγών εὐψυχίας em contexto bélico nas elegias marciais de Tirteu (fr. 10. 13-18W e fr. 11. 3-6W). O termo ἀγών designa os conflitos entre marido e esposa em *Medeia* 235 e 366.

27 Cf. Mastronarde (2002, p. 167).

28 Cf. Arquíloco fr. 23. 14-15W, Sólon fr. 1. 5-6W, Teógnis 869-72, Píndaro *Píticas* II 151, Ésquilo *Coéforas* 122, Platão *República* 332b, Eurípides *Hércules* 585-86 e Xenofonte *Memoráveis* II 6. Segundo Bongie, *Euripides gives another*

*portrait of a woman and a wife, one whose character and principles, however, have their closest affinities, not with Alcestis and women of her kind, but rather with the great male heroes of Greek literature such as the Homeric Achilles and the Sophoclean Ajax* (Bongie 1977, p. 27). Para mais informações, consultar: Knox (1977, p. 193-225), Rehm (1989, p. 97-115), Boedeker (1997, p. 127-148), Mueller (2001, p. 471-504) e Mastronarde (2002, p. 7-36).

29 Sg. Boedeker (1997, p. 127), a peça de Eurípides foi responsável por moldar a identidade atribuída a Medeia a partir de então, ao empregar vocabulário e comportamento masculinos que a distinguem da ἀνδρία exibida por Jasão. Sua inflexibilidade a torna equiparável a uma rocha ou ao mar (*Med.* 28-29), tal como Aquiles (*Il.* XVI 34-35), Odisseu (*Od.* XVII 463-64) ou Menelau (Eurípides *Andrômaca* 537-38). A imagem volta a aparecer em *Med.* 1279-80, quando o coro a acusa de ser feita de pedra ou de ferro por ter assassinado a prole, pois, segundo Mastronarde (2002: 169), esses elementos funcionam como *emblemas do que é duro, cruel, inflexível ou insensível*.

30 Em outras versões da história, a serpente também era adormecida pelos feitiços de Medeia (cf. Antímaco fr. 63 Wyss, Apolodoro 1. 9. 23, Valério Flaco 8. 68-120). Em *Argonáuticas Órficas*, o encantamento é empreendido por Orfeu através da lira. Contudo havia versões em que o animal era morto por Jasão em combate, como em Ferecides (*FGrH* 3F51Jacoby) e em Heródoro (*FGrH* 31F52). Píndaro parece mesclar as duas variantes, pois o monstro é abatido (κτεῖνε, cf. *Pítica* 4. 249) e não posto para dormir, no entanto a maneira como isso ocorre não é clara (*Pítica* 4. 249-50). As τέχναι empregadas não são explicadas, gerando dúvidas sobre quem realmente as detém e de que forma elas atuam para derrotar a serpente vigilante. Na peça de Eurípides, Medeia afirma ter sido ela própria quem abatera o dragão (*Med.* 480-82, cf. também Diodoro da Sicília 4. 48. 3), porém é improvável que em Píndaro ela possa ser compreendida como sujeito do verbo κτεῖνε. Segundo o escoliasta de Píndaro *Pítica* 4. 443, as τέχναι citadas pertenceriam a Medeia. Essas técnicas poderiam ser uma referência ao feitiço com o qual ela adormeceu a serpente, tal como Apolônio de Rodes narrou nas *Argonáuticas*. Se essa leitura estiver correta, Jasão teria assassinado a fera entorpecida.

archai ἀρχαί

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Fernando Rodrigues Junior, 'O heroísmo de Medeia nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes', p. 229-253

31 A ausência de Hércules é lamentada em diversas ocorrências nas *Argonáuticas* (cf. 2. 145-53 e 774-89; 3. 1232-34). Segundo Hunter (1989, p. 234), *the resort to magic was thus entirely necessary, once Heracles had been lost to the expedition*. No entanto, para De Forest (1993, p. 107), *Medea is the tragic hero of the poem and the only one to struggle with a moral choice. She steps into the space left by Heracles, and though a girl, becomes the central character*.

32 No decorrer da narrativa, a via diplomática é adotada em oposição ao confronto beligerante, de modo que as *Argonáuticas* só apresentam cinco batalhas espalhadas pelos quatro cantos: a batalha contra os Nascidos da Terra em Cízico (1. 898-1011), empreendida quase na sua totalidade por Hércules; o confronto noturno com os dolíones (1. 1018-52), fruto de um equívoco dada a total ignorância sobre a identidade dos inimigos; o embate contra os bébrices após a morte de Ámico (2. 98-136); os ἄεθλα de Jasão (3. 1277-398), realizados por meio da imunização do herói e das instruções de Medeia; e o sucinto confronto naval com os colcos (4. 482-91), resultado de um dolo planejado pelos argonautas.

33 O termo συνθεσία também é utilizado para designar o acordo com Alcínoo (*Arg.* 4. 1176) e a barganha com Apsirto (*Arg.* 4. 340, 378, 404, 437 e 453).

## BIBLIOGRAFIA

ALLEN, T. W. (1917). *Homeri Opera (Tomus III - Odyssea Libros I-XII)*. Oxford, Oxford University Press.

BEYE, C. R. (1982). *Epic and Romance in the Argonautica of Apollonius*. Carbondale, Southern Illinois University Press.

BOEDEKER, D. (1997). *Becoming Medea: Assimilation in Euripides*. In: CLAUSS, J. J.; JOHNSTON, S. I. (ed.) *Medea. Essays on Medea in Myth, Literature, Philosophy and Art*. New Jersey, Princeton University Press.

BONGIE, E. B. (1977). Heroic Elements in the *Medea* of Euripides. *TAPA* 107, p. 27-56. <https://doi.org/10.2307/284024>

CAMPBELL, M. (1983). *Studies in the Third Book of Apollonius Rhodius' Argonautica*. New York, Hildesheim.

CLAUSS, J. J. (1993). *The Best of the Argonauts. The Redefinition of the Epic Hero in Book 1 of Apollonius' Argonautica*. Berkeley, University of California Press.

CLAUSS, J. J. (1997). Conquest of the Mephistophelian Nausicaa: Medea's Role in Apollonius' Redefinition of the Epic Hero. In: CLAUSS, J. J.; JOHNSTON, S. I. (eds.) *Medea. Essays on Medea in Myth, Literature*. New Jersey, Princeton University Press.

DE FOREST, M. M. (1994). *Apollonius' Argonautica: a Callimachean Epic*. Leiden, E. J. Brill.

DYCK, A. R. (1989). On the Way from Colchis to Corinth: Medea in Book 4 of the *Argonautica*. *Hermes* 117, p. 455-70.

FRÄNKEL, H. (1961). *Apollonii Rhodii Argonautica*. Oxford, Oxford University Press.

HUNTER, R. L. (1987). Medea's Flight: the Fourth Book of the *Argonautica*. *Classical Quarterly* 37, p. 129-39. <https://doi.org/10.1017/S0009838800031724>

HUNTER, R. L. (1988). Short on Heroics: Jason in the *Argonautica*. *Classical Quarterly* 38, p. 436-53. <https://doi.org/10.1017/S0009838800037058>

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Fernando Rodrigues Junior, 'O heroísmo de Medeia nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes', p. 229-253



HUNTER, R. L. (1989). *Apollonius of Rhodes. Argonautica Book III*. Cambridge, Cambridge University Press.

HUNTER, R. L. (1993). *The Argonautica of Apollonius: Literary Studies*, Cambridge, Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511552502>

HUXLEY, G. L. (1969). *Greek Epic Poetry from Eumelos to Panyassis*. London, Faber.

JACKSON, S. (1992). Apollonius' Jason: Human Being in an Epic Scenario. *G&R* 39, p. 155-62. <https://doi.org/10.1017/S001738350002413X>

JACKSON, S. (1999). Apollonius' *Argonautica*: the Theseus/Ariadne Desertion. *RhM* 142, p. 152-57.

KNOX, B. M. W. (1977). The *Medea* of Euripides. *Yale Classical Studies* 25, p. 193-225. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511933738.008>

LOURENÇO, F. (2010). *Homero. Odisseia*. Lisboa, Livros Cotovia.

MASTRONARDE, D. J. (2002). *Euripides. Medea*. Cambridge, Cambridge University Press.

MATTHEWS, V. J. (1977). *Naupaktia* and *Argonautica*. *Phoenix* 31, p. 189-207. <https://doi.org/10.2307/1087099>

MUELLER, M. (2001). The Language of Reciprocity in Euripides' *Medea*. *AJP* 123, p. 471-504. <https://doi.org/10.1353/ajp.2001.0054>



PAGE, D. L. (1988). *Euripides Medea*. Oxford, Oxford University Press.

PAVLOCK, B. (1990). *Eros, Imitation and the Epic Tradition*. Ithaca and London, Cornell University Press.

PIKE, D. L. (1993). Jason's Departure: Apollonius Rhodius and Heroism. *AC* 36, p. 27-37.

REHM, R. (1989). Medea and the λόγος of heroic. *Eranos* 87, p. 97-115.

VIAN, F. (1978). ΙΗΣΩΝ ΑΜΗΧΑΝΕΩΝ. In: LIVREA, E.; PRIVITERA, G. A. (eds.). *Studi in Onore di Anthos Ardizzoni*. Roma, Edizioni dell' Ateneo & Bizzarri, p. 1025-41.

Submetido em Junho e aprovado para publicação  
em Agosto, 2016

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Fernando Rodrigues Junior, 'O heroísmo de Medeia nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodas', p. 229-253